

AS DEFICIÊNCIAS LINGÜÍSTICAS DO DICIONÁRIO DE KITTEL

Milton Luiz Torres¹

RESUMO

Apesar de o Dicionário Teológico do Novo Testamento, de Kittel, ter recebido críticas devastadoras a partir da década de sessenta, os teólogos brasileiros, em sua maioria, permanecem alheios a essas críticas e têm continuado a se referir a tal obra como se ela continuasse a gozar da mesma reputação que tinha antes. Embora essas críticas tenham sido enunciadas há tempo tanto, pareceu-me oportuno trazê-las mais uma vez à atenção de nossos teólogos, a fim de lembrá-los de que suas referências a Kittel não mais podem prescindir de certo cuidado. A mera recorrência à obra assume contornos intensamente problemáticos que não podem, em hipótese alguma, ser ignorados.

Palavras-Chave: Lingüística. Dicionário. Teologia.

¹ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: milton.torres@unasp.edu.br;

CONTEXTO

Apesar de o *Dicionário Teológico do Novo Testamento* (DTNT), de Kittel, ter recebido críticas devastadoras a partir da década de sessenta, os teólogos brasileiros, em sua maioria, permanecem alheios a essas críticas e têm continuado a se referir a tal obra como se ela continuasse a gozar da mesma reputação que tinha antes. Embora essas críticas tenham sido enunciadas há tempo tanto, pareceu-me oportuno trazê-las mais uma vez à atenção de nossos teólogos, a fim de lembrá-los de que suas referências a Kittel não mais podem prescindir de certo cuidado. A mera recorrência à obra assume contornos intensamente problemáticos que não podem, em hipótese alguma, ser ignorados. O DTNT continua a ser o dicionário teológico mais influente entre os teólogos adventistas e seu formato e muitas de suas deficiências foram reproduzidas em outras obras igualmente influentes, como é o caso do dicionário teológico de Coenen e Brown (1981), extremamente popular no Brasil por já se encontrar traduzido para o português.

Barr (1961) foi o primeiro a sistematizar amplamente as incoerências lingüísticas da obra de Kittel. Por causa da enorme influência de Kittel, Barr sente que os métodos correntemente usados na exegese bíblica dão evidência de um total desconhecimento dos princípios básicos da lingüística e da semântica (CHILDS, 1961). Sua principal crítica é dirigida à idéia equivocada da singularidade da mentalidade hebraica. Segundo Barr (1961, p. 33), é extremamente ingênuo sugerir que a estrutura de uma língua possa refletir a mentalidade de um povo. Segundo ele, seria a mesma coisa de dizer que os turcos têm deficiência sexual porque sua língua não conhece diferenças de gênero. Outro aspecto, que também é duramente criticado por Barr, é a idéia de que a etimologia de uma palavra possa esconder uma subestrutura teológica.

O principal objetivo de Barr é eliminar a confusão que a obra de Kittel faz entre métodos teológicos e lingüísticos. Segundo ele (1961, p. 5), a psicologia peculiar dos antigos israelitas, principalmente quando contrastada com a psicologia dos gregos, é tomada como sendo a chave tanto para os fenômenos lingüísticos do hebraico quanto para a compreensão teológica da Bíblia. Assim, “problemas lingüísticos básicos são ignorados, as línguas relevantes não são examinadas como um todo e o contraste entre o grego e o hebraico é distorcido porque é enfatizado sem levar em consideração uma escala lingüística e um quadro de referência mais amplos” (SCOTT, 1962, p. 515-517). Barr constrói um caso contra os teólogos que se aventuram pelo terreno escorregadio da semântica bíblica sem o devido treinamento lingüístico. De acordo com Scott (1962), os exemplos de Barr são, às vezes, divertidos. Apesar disso, são devastadores e de argumentação irrefutável. De acordo com Barr (1961, p. 270), a singularidade da linguagem e do pensamento bíblico deve ser estabelecida “pelas coisas que os autores

dizem e não pelas palavras com as quais dizem essas coisas”. Por isso, para ele (1961, p. 272), a relação entre o significado das sentenças e o modo de sua expressão “é uma questão estilística”. Barr (p. 207) reclama que, a partir do que se percebe de seu vago prefácio, “Kittel parece nunca ter dado a devida atenção aos problemas lingüísticos”, o que é inadmissível para alguém que se propôs escrever um dicionário.

PRINCIPAIS DEFICIÊNCIAS DO DICIONÁRIO DE KITTEL

As dez principais deficiências da obra de Kittel (1949) parecem esgotar os diversos erros passíveis de serem cometidos por um dicionário teológico do ponto de vista lingüístico: (1) falta de articulação dos conceitos lingüísticos; (2) negligência dos aspectos subjetivos e psicológicos da religião; (3) dependência excessiva da etimologia e das associações remotas; (4) falta de um método lingüístico; (5) inconsistência terminológica; (6) oscilação entre os fenômenos lingüísticos e as realidades teológicas; (7) tese de que “a linguagem do Novo Testamento tem, de forma bastante definida, um único propósito: expressar o que ocorreu, o que Deus realizou em Cristo” (KITTEL, 1949); (8) minimização das convenções sociais por causa da idéia de que as palavras são “vasos de cristal transparente cujo único propósito é fazer com que seu conteúdo se torne visível” (KITTEL, 1949); (9) atribuição de papel autoritativo à etimologia; e (10) mau uso da lexicografia de Deissmann, praticamente distorcendo o que o famoso erudito postulou em relação à língua do NT. Como consequência dessas deficiências, a indicação semântica é negligenciada e os usos lingüísticos não são percebidos. Por essas razões, Barr (1961, p. 215) chega à conclusão de que o DTNT não é, estritamente falando, um dicionário.

A título de exemplificação, podem-se mencionar algumas situações encontradas na obra que refletem as deficiências descritas acima e outras tão comuns e igualmente prejudiciais ao efeito geral da obra.

Apelo injustificável ao sentido estrito. No caso de *agathos* (“bom”), a definição excessivamente dominada por dois textos (Mt 19:17 e Hb 9:11; 10:1) dá a entender que, no grego do NT, o termo só se emprega em relação a Deus ou à nova terra. Como a expressão também ocorre em relação à bondade dos homens (Mt 5:45), Grundmann, autor do verbete, argumenta que, “falando estritamente”, nada neste mundo merece o título de “bom”. De acordo com Barr (p. 220), “o apelo ao sentido ‘estrito’ é um apelo para que se passe por cima do que é, de fato, falado, em benefício de algo que parece teologicamente mais fundamental”. Dodd (1933, p. 283) já havia objetado especificamente a esse artigo, com a conclusão de que a falta de um método lingüístico colabora para que o preconceito teológico se instale.

Oposição assimétrica. O Dicionário de Kittel estabelece um contraste indevido entre *logos* e *mythos*, no artigo escrito por Stählin. Com base na ocorrência dessas

palavras em 1 Tm 4:6-7, Stählin postula que *logos* (“palavra”) tem que ter obrigatoriamente o sentido de *alêtheia* (“verdade”) porque, em contrapartida, *mythos* (“fábula”) tem sempre o sentido de “inverdade”. Essa suposição pode, no entanto, ser facilmente desmentida com recurso ao texto de 2 Tm 2:17, onde *logos* se refere ao discurso dos ímpios. Ou seja, há, nesse artigo, um caso de transferência ilegítima de totalidade. O articulista negligencia as relações sintáticas que estabeleceriam diferentes campos semânticos. Isto é, a oposição presente em 1 Tm 4:6-7 não se dá entre *logos* e *mythos*, mas entre *hoi logoi tês pistêôs* (“as palavras da fé”) e *mythos*. Embora *mythos* sempre se refira a uma inverdade, isso não significa que *logos* tenha por referência sempre uma verdade. De fato, o uso de *ho logos* com o artigo, no caso muito singular de João 1, produz um significado especial que não pode ser aplicado indiscriminadamente a outros casos simplesmente porque estes também contêm a palavra. Segundo Barr (p. 222), “uma simples relação sintática como o acréscimo de um artigo e a ausência de outra qualificação pode estabelecer um campo semântico tão diferente quanto aquele que seria criado pelo emprego de uma palavra diferente”.

Oposições distorcidas entre o grego helenístico e o grego do judaísmo. No artigo sobre *anagkê* (“necessidade”) enfatiza-se o sentido abstrato da palavra no contexto do pensamento grego, e seu sentido concreto no contexto do pensamento hebraico. Por seu silêncio em relação ao uso concreto do termo no pensamento grego, o artigo acaba degradando a originalidade do mesmo e acentuando distinções que não se sustentam. A suposição moderna de que o pensamento grego tende ao abstrato e de que o pensamento hebraico tende ao concreto, aliada à imprecisão da metodologia lingüística, acaba por criar predisposições teológicas que, de outra forma, não existiriam.

Exagero ao contexto helenístico quando conveniente. Na intenção de provar que a criação do mundo foi *ex nihilo* (“do nada”), o artigo sobre o verbo *ktizô* (“criar”) exagera seu uso no grego helenístico em relação à fundação de cidades. Nesse contexto, o verbo enfatizaria a atuação voluntária de um soberano no intuito de criar uma *pólis* onde antes não havia *pólis* alguma. Para realçar essa idéia, o articulista alega que é devido ao contexto da criação como fundação de uma comunidade que a Septuaginta (LXX) e o NT se abstêm de empregar o termo *dêmiourgos* (“artífice”), pois este enfatizaria a criação a partir de uma matéria preexistente. Trata-se, porém, de um argumento do silêncio que passa por alto que essa palavra tinha um sentido depreciativo no contexto helenístico por causa da objeção da aristocracia às atividades que envolviam o trabalho manual. Outro exemplo de exagero ao contexto helenístico pode ser visto no caso do verbete *kairos* (“período de tempo”). Segundo Barr (p. 226), a atratividade à teologia bíblica moderna da idéia de um tempo de decisão, ou de um momento para a atuação de Deus com Sua intervenção decisiva, levou o articulista a maximizar o sentido de “tempo crítico” de *kairos* mesmo diante do fato bem conhecido de que este sentido da palavra

predominou no período clássico, mas não no período do NT, e de que esse uso lingüístico não pode ser reconciliado com o de nenhuma palavra conhecida do hebraico antigo.

Anacronismos. O artigo de Schlier sobre a palavra *hairesis* (“partido”) a analisa à luz do preconceito com ela associado em épocas posteriores, cujo resultado foi entendê-la como “heresia”. O argumento do articulista não foi que a igreja era contra a formação de partidos, mas que o termo se opunha à palavra *ekklêsia* (“igreja”). A semântica é, então, abandonada em favor de uma história do conceito de heresia no cristianismo. Trata-se de mera fetichização, uma vez que, ao afirmar que se a *ekklêsia* tolerar *hairesis*, ela mesma se torna uma *hairesis*, Schlier não fornece a menor evidência de que esse sentido tenha sido formulado no período do NT.

Ênfase na história dos conceitos em vez de na história das palavras. O DTNT tem uma tendência à ênfase doutrinária por meio da história dos conceitos mais importantes da teologia sistemática. Assim, o artigo sobre *hamartia* (“pecado”) se torna uma exposição sobre a doutrina do pecado e o artigo sobre *apokalyptô* (“revelar”), uma exposição sobre a doutrina da revelação. De acordo com Barr (p. 231), a concentração nos usos teológicos das palavras produz seus resultados mais peculiares com palavras de aplicação geral como os advérbios, as preposições e as partículas. Isso levou Lindeskog (1936, p. 134) a declarar que, na análise dessas palavras, o Dicionário de Kittel se aproxima de um misticismo bíblico que, embora sublime, nada tem que ver com a realidade lingüística das mesmas.

Confusão entre realidade lingüística e realidade teológica. A explicação dada ao fato de que tanto a palavra *paramytheomai* quanto a palavra *parakaleô* tenham dois sentidos (“consolar” e “exortar”) se prende à idéia de que a consolação e a exortação sejam dois elementos intrínsecos à mensagem do NT. Ora, com isso, se dá uma explicação teológica para um fato lingüístico adventício. Isto é, a consolação e a exortação são mesmo elementos indispensáveis à mensagem evangélica, mas não é essa a razão por que essas duas palavras têm ambos os significados. A relação entre consolação e exortação se manteria a mesma ainda que palavras diferentes fossem usadas, como acontece em português: “consolar” e “exortar”.

Transferência ilegítima de identidade. Mesmo quando existem artigos sobre expressões complexas como *pais theou* (“filho de Deus”) e *laos theou* (“povo de Deus”), essas expressões ainda são tratadas como se fossem palavras isoladas, sem consideração do contexto em que ocorrem. Assim, por exemplo, o contraste indevido entre *laos* (“povo”) e *ethnos* (“nação”) produz o resultado de fazer com que o significado de *laos* pareça ser sempre “povo de Deus” enquanto que o de *ethnos* (“nação”) pareça ser sempre “nação pagã”.

Etimologização. Baseado no fato de que *logos* (“palavra”) e *legô* (“dizer, colher, recolher”) têm a mesma origem etimológica, Kleinknecht (KITTEL, 1949, v. 4, p. 76)

propõe que a palavra *logos* tenha o sentido básico de “coleção” a fim de explicá-la como significando “razão crítica e seletiva”. No entanto, não existe nenhuma ocorrência de *logos* na literatura antiga com esse sentido. Da mesma forma, embora Schlier admita que *anakephalaioomai* (“resumir”) se relacione etimologicamente a *kephalaion* (“resumo”) e não a *kephalê* (“cabeça”), ele não resiste à tentação de interpretar essa palavra de modo a relacioná-la a *kephalê* (“cabeça”). Com isso, ele pretende apresentar uma interpretação teológica mais espiritual para Ef 1:10. De acordo com Barr (p. 237-238), “é mais provável que Schlier, vendo a conexão entre a designação de Cristo como cabeça [Ef 1:22] e a soma de todas as coisas, não resistiu ao ímpeto de apontar... uma ‘relação’ etimológica entre as palavras gregas e de basear sua exposição em tal relação, embora soubesse que se tratava de uma etimologia incorreta”. Esse ponto já havia sido discutido antes por Dodd (1938, p. 293), com a mesma conclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Barr (1961, p. 231), a maior fraqueza do DTNT é seu fracasso de não conseguir relacionar as palavras que estuda a seus respectivos contextos semânticos. Além disso, é inadmissível que uma obra que se propõe servir de dicionário possa imaginar que o valor semântico das palavras deverá invariavelmente iluminar e concordar com os contornos de uma estrutura teológica que é considerada característica do NT e antagônica ao ambiente helenístico. Segundo Barr (1961, p. 233):

Parece claro que o próprio Kittel e o DTNT em geral tinham o propósito de integrar ou demonstrar a integração de usos lingüísticos detalhados do NT e o profundo e vivo pensamento teológico do NT. No entanto, nunca parece lhes ter ocorrido que um léxico, como um livro organizado em torno de *palavras*, não se presta a esse propósito. O pensamento teológico do tipo encontrado no NT tem sua expressão lingüística característica não nas palavras individualmente, mas na combinação de palavras, isto é, na sentença. O grau em que uma palavra individual pode se relacionar diretamente ao pensamento teológico depende consideravelmente do grau em que a palavra já se tornou um termo técnico. O grau em que isso ocorreu no NT pode ser debatido. No entanto, o próprio Kittel era da opinião, de acordo com o consenso geral, de que inúmeros elementos importantes do vocabulário do NT não eram técnicos no sentido de muitos termos da teologia posterior. Sob essas condições, a tentativa de relacionar uma palavra individual diretamente a um conceito teológico produz a distorção da contribuição semântica das palavras em seu contexto; o valor do contexto passa a ser visto como algo que a palavra determina e, assim, introduz-se no contexto um sentido que não estava originalmente presente no texto.

Apesar das revisões a que o DTNT tem sido submetido, o ideal seria que um novo dicionário teológico fosse preparado para o NT. Barr (p. 235-236) sugere brevemente que tal dicionário deveria ser organizado por campos semânticos. Segundo ele, haveria quatro grandes razões para isso: (1) evitar separar palavras com significados equivalentes; (2) economizar espaço, uma vez que o pano de fundo teológico de várias

palavras é o mesmo; (3) evitar agrupar apenas palavras cognatas; e (4) evitar etimologização.

REFERÊNCIAS

BARR, James. **The semantics of Biblical languages**. Oxford: Oxford University Press, 1961.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Eds). **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1981.

CHILDS, Brevard S. Book review: the semantics of Biblical languages. **Journal of Biblical Literature**. v. 80, n. 4, p. 374-377, 1961.

DODD, C. H. Reviews. **The Journal of Theological Studies**. v. 34, n. 135, p. 280-285, 1933.

DODD, C. H. Reviews. **The Journal of Theological Studies**. v. 39, n. 155, p. 287-293, 1938.

KITTEL, Gerhard (Ed.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 1949-1969.

LINDESKOG, Gösta. **SvExAb**. v. 1, p. 134, 1936.

SCOTT, R. B. Y. Book review: the semantics of Biblical languages. **Theology Today**. Princeton N. J., v. 18, n. 1, p. 515-517, 1962.